

Título: **A mulher vista nos periódicos contemporâneos: *Nossa História* e *Revista de História***

Autor: **Deivid Aparecido Costruba¹**

Filiação Institucional: **Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras – campus Assis.**

O presente painel tem o objetivo de analisar a mulher nos periódicos contemporâneos: *Nossa História* e *Revista de História*. O período analisado das revistas é o de seu surgimento até maio e março respectivamente. *Nossa História* – NOV de 2003 a MAI de 2006 e *Revista de História* – JUL de 2005 a MAR de 2006.

Vários historiadores, jornalistas e literatos renomados no Brasil analisam a posição da mulher na história do país desde os tempos coloniais, quando as índias pecavam com portugueses, até o século XX, onde a mulher adquire autonomia e luta por direitos femininos e feministas.

Como explica a historiadora Mary Del Priore: “a história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia e da literatura”.² É a história dos tempos coloniais até os dias de hoje.”É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e de seus sentimentos”.³ Enfim, é uma história da coadjuvante, que torna – se cada dia mais protagonista.

Em um dos artigos que tratam sobre mulheres na revista *Nossa História*, o historiador *Ronaldo Vainfas* denuncia os pecados coloniais. Segundo os inquisidores do Santo Ofício, pecava – se muito no Brasil Colonial: índias com portugueses, devotas com padres; no mato e até na igreja, misturando sexo com religiosidade em tempos coloniais. Já *Mary Del Priore*, uma historiadora da cultura, muito influenciada pela historiografia francesa, estuda a história das mulheres. Ela mostra as índias na época do descobrimento, não com uma visão pecaminosa. Mostra a reação dos portugueses quando avistaram jovens índias nuas; que no decorrer da história, tornar – se – ião o padrão de beleza tipicamente brasileiro.

Mary também discute as histórias de amor que surgiram no Brasil desde os tempos coloniais. Quem nunca escutou alguma história de amor no Brasil? O romance tórrido de D. Pedro I com a marquesa de Santos ou a sólida relação entre Chica da Silva com João Fernandes de Oliveira? Essas histórias são fiapos de informação, deixados obscuros nos documentos históricos. É preciso identificá – los, em um trabalho penoso

¹ Aluno de graduação em História da Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras – campus Assis. E-mail: costrubahistunesp@hotmail.com

² PRIORE, Mary Del. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7ªed – São Paulo: Contexto/UNESP, 2004. pág.7.

³ PRIORE, Mary Del. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7ªed – São Paulo: Contexto/UNESP, 2004. pág.7.

e paciente desvendando temas próximos como a família, a privacidade e o sexo, que vem enriquecendo a historiografia brasileira desde a década de oitenta.

Joana Maria Pedro trás à tona a discussão sobre o aborto. Praticado por muitas mulheres anualmente no Brasil, segundo estimativas, o aborto é combatido há séculos, dividindo a sociedade. O tabu permanece até hoje: crime ou um direito das mulheres?

Júnia Ferreira Furtado historiadora do departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, tenta desmistificar o mito criado a respeito de Chica da Silva. A mulata era retratada como travessa, mas isso se opõe à história de uma ex – escrava determinada, que conseguiu superar a exclusão social.

Bruno Feitler pesquisa sobre a história de Branca Dias. Processada pela Inquisição no século XVI, Branca Dias inspirou peças teatrais e romances que a transformaram num personagem – símbolo na luta contra a intolerância.

Uma prostituta? Uma pré – feminista? Afinal, quem foi Ana Jacinta de São José – ou dona Beja? *Rosa Maria Spinoso de Montandon* traz à discussão esse mito de dona Beja. Nascida perto de Formiga em Minas Gerais teria realmente existido? Seria bem diferente do mito criado pela imprensa? Esse é um dos papéis do historiador, “desfazer nós cegos” que encontramos na história, ou seja, desfazer mitos.

Não há quem não tenha ouvido falar na escrava Anastácia. *Mônica Dias de Souza* mostra que o culto à escrava negra de olhos azuis, transformada em santa pelo povo, nasceu na década de 1970, no Rio de Janeiro.

Ana Paula Cavalcanti Simioni faz uma releitura da tela de Georgina de Albuquerque “Sessão do Conselho de Estado” e nos diz que a tela ressalta o papel desempenhado pela princesa Leopoldina no movimento da Independência. Já *Clóvis Bueno* mostra o papel de extrema importância exercido pela Leopoldina na Independência. Apaixonada por D. Pedro I e dedicada “até a morte” ao marido, passou a chamar o Brasil de lar.

Mary Del Priore no seu último artigo publicado na revista durante o período analisado retoma um escândalo imperial. Quem não conhece D. Domitila de Castro Canto e Melo ou Marquesa de Santos? Uma paixão proibida de D. Pedro I pela Marquesa de Santos, no qual teve cinco filhos, foi o que abalou o Primeiro Reinado.

Uma rainha conspiradora? *Francisca Nogueira de Azevedo* contraria a visão historiográfica tradicional e acredita que Carlota Joaquina foi uma estrategista ativa, atuou como mediadora na crise entre Portugal e Espanha, era culta, participou de movimentos políticos e jamais se rendeu à cultura feminina do seu tempo.

Maria Teresa Garritano Dourado se opõe à visão tradicional da Guerra do Paraguai, segundo a qual ela seria uma guerra de homens. Com uma presença extra – oficial nos fortes e acampamentos militares, as mulheres brasileiras formavam um exército invisível que se tornou indispensável no desenrolar da Guerra do Paraguai.

Rita de Cássia Marques vê no século XIX uma grande dificuldade para as mulheres. Em nome do pudor e da decência, a sociedade do século XIX vetava o acesso dos ginecologistas ao corpo feminino. Para tratamento as mulheres recebiam diagnósticos por meio de cartas dos maridos. Isso só muda com o surgimento das primeiras médicas.

No século XIX as mulheres eram as responsáveis pela maior parte dos pedidos de separação que tramitaram na Justiça Eclesiástica. *Silvia Maria Jardim Brugger* analisa divórcio e casamento no oitocentos. As mulheres, com esta atitude, rompem com a visão tradicional de submissão à dominação masculina.

Um artigo de *Maria Lucia Mott*, que é pesquisadora do Núcleo de Memória da Saúde do Instituto de Saúde da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, revela quem era Maria Josefina Matilde Durocher. Com uma aparência bizarra e nomeada em 1866, a parteira da Casa Imperial, Durocher usava casaca e cartola para circular com mais liberdade no Rio de Janeiro oitocentista, onde trouxe à luz mais de cinco mil crianças.

Um impacto na educação brasileira em 1881? A jornalista *Beatriz Vicentini Elias* vê na figura da educadora norte – americana Martha Watts, que revolucionou o ensino com suas classes mistas, laboratórios científicos e jardim – de – infância, uma inovação americana na educação do Brasil.

Luciano Mendonça de Lima analisa a “Revolta do Quilo”, na qual homens e mulheres se rebelaram contra as mudanças no sistema de pesos e medidas. Dos mercados de quatro províncias do norte, explode uma revolta popular contra as reformas modernizantes do Brasil Imperial.

Robert Daibert Junior analisa o sentimento de devoção que ex – escravos possuíam pela princesa Isabel. Segundo o historiador, republicanos como Rui Barbosa e até mesmo monarquistas destronados não conseguiam compreender este sentimento. Rui Barbosa, anos mais tarde, continuou inconformado com as manifestações de gratidão dos negros com a princesa Isabel. Já *Priscilla Leal* em um artigo inovador, relata o lado rebelde da princesa Isabel. Carta inédita, pinçada do acervo de três mil documentos do Memorial Visconde de Mauá, revela que a princesa defendia a indenização de ex – escravos, a reforma agrária e o sufrágio feminino.

Rachel Soihet analisa a luta das mulheres, na virada do século XIX para o XX, pela emancipação; junto disto, o descrédito que os homens viam nessas lutas. Analisa também caricaturas da época, em uma

delas, Raul Pederneiras satiriza a inversão de papéis: a figura do homem ridicularizado que exerce funções maternas ante a vaidade da “patroa” que se demora na modista.

Quem foi Santa Dica? *Eleonora Zicari Costa de Brito* professora na Unb estuda a história de Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica, fundadora de uma comunidade no interior de Goiás, que pregava o uso coletivo da terra e realizava curas mediante “colóquios” com os anjos.

Ana Maria Mauad vê na imagem de Carmen Miranda criada por Hollywood, não só uma mulher que gostava do Brasil e imortalizou a música de Dorival Caymmi cantando “O que é que a baiana tem?”. No contexto da política da Boa Vizinhança de Roosevelt, Carmen Miranda refletiu os preconceitos dos Estados Unidos em relação à América Latina.

Filha da própria Olga Benário, *Anita Leocádia Prestes*, professora no departamento de História da UFRJ, nos revela que em cartas de sua mãe à família, Olga Benário, que sofreu com padecimentos em campos de concentração nazistas, não deixou – se abalar, em sua generosidade, caráter e convicções políticas.

Quem foi D. Inês Henriqueta de Sousa Andrade? *Tereza Virginia de Almeida* analisa a posição do modernista radical de Oswald de Andrade que usou sua experiência com as mulheres para criticar os valores patriarcais da sociedade brasileira. Tudo isso deve – se ao fato da morte de sua mãe em 1912, D. Inês Henriqueta de Sousa Andrade, que marcou o pensamento do escritor, passando a defender o matriarcado.

Maria Margaret Lopes e *Lia Gomes Pinto de Sousa* contam a história da feminista incansável, Bertha Lutz, a qual ao longo de sua carreira, elaborou dois discursos que se complementavam: idéias feministas apareciam em trabalhos científicos, ao mesmo tempo em que a ciência permeava suas proposições como militante.

Alice Beatriz Gordo Lang conta nos a história de mulheres paulistas entrevistadas por uma socióloga, que vêem Getúlio Vargas, como um governante detestável; ao contrário do que alguns o vê, como um presidente populista, “pai dos pobres” e um dos presidentes mais populares do país.

Em plena modernização da cidade de São Paulo, *Margareth Rago* analisa a prostituição na cidade de São Paulo no início do século XX. Advogados, médicos, delegados de polícia e jornalistas freqüentavam o “Palais de Cristal”, o “Maxim’s”, o “Hotel dos Estrangeiros”, bordéis que traziam para São Paulo o que havia de mais moderno em Paris.

No ano de 1964 o Brasil era marcado por um clima de tensão. *Carlos Fico* analisa as mulheres que se organizaram em entidades católicas, as chamadas “marchas da família, com Deus, pela liberdade” e tiveram papel importante no processo de desestabilização do governo João Goulart. Essas militantes associavam ao ateísmo uma suposta ameaça comunista e, por decorrência, defendiam valores caros ao catolicismo.

Para finalizar a análise da revista **Nossa História**, temos um último artigo de *Eni Mesquita Samara* que mostra claramente como foi e está sendo a luta das mulheres por um espaço no cenário nacional. Enfrentando riscos, assumindo responsabilidades próprias dos homens e lutando pelos seus direitos, as mulheres participam da construção do Brasil desde os tempos da Colônia.

Entrando na análise da **Revista de História**, uma publicação relativamente nova em comparação a **Nossa História**, um de seus artigos intitulados “No balanço malicioso do lundu” *Tereza Virginia de Almeida* analisa o gênero musical que influenciou o samba. O lundu abordou com graça e humor um tema tabu: os jogos de sedução entre o negro escravo e suas sinhazinhas.

Luiz Mott discute os mistérios de Santa Rosa Egípcíaca. Ex – escrava e prostituta, a africana Rosa Maria Egípcíaca se tornou a mais venerada santa negra do Brasil colonial. Apesar de muito popular durante o período colonial, atraindo grande número de devotos, a africana Rosa Egípcíaca não foi representada em imagens.

Em artigo intitulado “A memória afetiva da escravidão”, *Rafaela de Andrade Deib* analisa as fotografias de Militão de Azevedo que revelam a trajetória da relação ambígua entre as amas – de – leite e as crianças de seus senhores.

Constância Lima Duarte vê as raízes do feminismo no Brasil em Nísia Floresta Brasileira Augusta, umas das primeiras mulheres a publicar na grande imprensa brasileira. Nísia abalou estruturas da sociedade patriarcal do século XIX ao defender a valorização da mulher.

Aline Presot em artigo intitulado “Conservadores em desfile”, ressalta a importância que as mulheres tiveram nas chamadas “marchas da família, com Deus, pela liberdade” apoiando o governo militar. Reunindo uma massa de civis nas capitais e interior do país.

O último artigo analisado da **Revista de História**, intitulado “Castanholas Vermelhas”, *Esther Gambi Jimenez* contradiz o estereótipo feminino de fragilidade e submissão e nos conta que as imigrantes espanholas lutaram em defesa de ideais sociais e de melhores condições de trabalho. Além disso, à frente das lutas proletárias em São Paulo, elas se tornaram alvo das autoridades brasileiras no início do século XX, principalmente da implacável polícia de Getúlio Vargas.

Pretendemos neste painel, analisar as mulheres nestas duas revistas. Espero que tenha sido alcançado o nosso propósito. Não podemos esquecer também, que seria impossível fazer uma análise biográfica, autobiográfica ou feita por terceiros, das mulheres analisadas, sem um bom dicionário.⁴

Deve – se salientar que as pesquisas sobre história da mulher não devem parar por aqui, elas devem estar apenas começando, neste imenso campo obscuro de fontes e documentos que o historiador busca

⁴ SCHUMACHER, Schuma. Dicionário Mulheres do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 566p.

esmiuçar. Como diz Mary Del Priore: “No Brasil temos um longo percurso de pesquisas a realizar, resgatando, ao mesmo tempo, o lamentável estado de nossos arquivos”.⁵

Em suma, precisamos repensar a História das Mulheres, nos preocuparmos mais com o seu papel, inclui-las na história, ao invés de sempre excluí-las. Em livro importante⁶, Michele Perrot⁷, trata desta exclusão. A historiadora acredita que a história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e que está em fase de uma profunda transformação: “Está vinculada estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos”.⁸

⁵ Pós – História. Revista de Pós – Graduação em História (Universidade Estadual Paulista). Assis: UNESP, v9, 2001.

⁶ PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁷ Professora na Universidade Paris VII.

⁸ Cadernos Pagu – Núcleo de Estudo e Gênero. Campinas: UNICAMP, v4, 1995.